

O primeiro amor do filho



Recebo com certa regularidade cartas de mães e de pais de adolescentes. O tom delas faz pensar que a relação entre pais e filhos nesse período está sempre por um fio, escorregando pelas mãos.

Muitos pais, inclusive, dizem que não têm mais intervenção educativa alguma a fazer com os filhos, já que estes não mais os ouvem, nem consideram o que os pais dizem. A esses, devo dizer que não vale desistir, principalmente nessa hora. É preciso que os pais insistam porque não se pode abandonar o filho à própria sorte, afinal.

Desistir ou tratar o filho adolescente como se já fosse adulto ou então -o quase oposto- como café-com-leite, é demitir-se da função de pai e de mãe.

Bem, algumas das cartas comentam a fase em que os filhos namoram. Uma das mães, diz: "O que faço para minha filha -de 15 anos- entender que ela não deve se envolver tanto com o namorado, que ele não é tudo o que ela pensa?"

Outra mãe pergunta se deve tentar falar com a ex-namorada do filho que tem 16 anos para que ela se anime a falar com ele, que se encontra em estado depressivo desde o rompimento do namoro. Por fim, um pai pergunta que tipo de orientação deve dar para que os filhos não se entreguem a relações passageiras apenas.

Vamos, então, encarar essa conversa que, para os pais, parece ser bem delicada.

De início, uma pergunta: o que temos nós, adultos, a ensinar aos jovens a respeito das relações amorosas? Difícil, bem difícil qualquer resposta. No mundo contemporâneo, as relações de compromisso com o outro e com o próprio sentimento amoroso têm parecido demasiado custosas para nós, não é verdade?

E, reconhecendo que temos tateado em busca de novos caminhos nos nossos relacionamentos, é preciso considerar que essa tem sido a lição passada a eles. O nosso exemplo ensina muito mais do que qualquer discurso moralizante que possamos fazer no ouvido deles. Portanto, é, no mínimo, justo admitir que eles também, por sua vez, estejam na mesma barca.

Por outro lado, o primeiro amor, os primeiros envolvimento afetivos ao modo adulto -portanto por decisão própria- e as primeiras descobertas da insegurança que o namoro provoca são experiências pelas quais todos passam. Por mais ajuizados que sejam os filhos, impossível poupá-los dessas vivências, dessas decepções, dessas pequenas -às vezes grandes- frustrações e tanto mais...

Podemos, no máximo, torcer para que aprendam um pouco mais sobre eles próprios a cada encontro amoroso.

Mas nenhum desses dois pontos pode servir para justificar a ausência dos pais nessas horas. A presença firme, no sentido de exercer uma forte e duradoura influência sobre os filhos, principalmente no que diz respeito aos valores que a família preza nos relacionamentos e aos alertas de quem tem mais experiência de vida e maturidade, é o melhor que os pais podem fazer.

E, claro, manter os limites familiares com coerência e respeito ao jovem. Eles precisam ser considerados aptos a assumir compromissos consigo mesmos e com os outros e arcarem com as consequências de suas decisões. Desde que tenham sido preparados para tanto.

Além disso, os pais precisam ter clareza do lugar que ocupam. Muitos têm embarcado, junto com os filhos, nos sonhos dos primeiros amores. Tem situação mais frágil para eles do que essa?

Assim, os pais não podem mesmo -é preciso admitir- orientar ou guiar as escolhas amorosas dos filhos. Mas podem e devem manifestar sempre a opinião que têm a respeito e delimitar o espaço para eles. Nenhum pai é obrigado a receber em casa namorados e namoradas que não aprovam, concordam? Isso seria o máximo da incoerência educativa e do exemplo negativo.

Do mesmo modo, nada a fazer quando eles passam pela dor do rompimento, da perda, da rejeição a não ser encorajar e cobrar que o período de luto não se prolongue muito, já que a vida está à espera. Mas, vamos resistir à famosa frase: "Eu não falei?" Ela em nada ajuda, e sabemos disso por experiência duramente vivida. A solidariedade discreta é muito melhor.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)

(Recebido de Lúcia na lista FEPC - www.edicoesgil.com.br)